

MEU CORPO, MINHA HISTÓRIA: ENSINOS E APRENDIZAGENS

Maria da Glória Oliveira do Nascimento¹

Orientadora: Prof^a.Dra. Lori Altmann²

¹Universidade Federal de Pelotas – omariadagloria@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro enfrenta vários desafios de ordens estruturais que se refletem na sua base sendo fundamental a elaboração de planos de diretrizes eficazes que propiciem o cumprimento da lei que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos espaços escolares. Se pensa que é no ambiente escolar que o direito à diversidade deve ser defendido e compartilhado para que seus partícipes compreendam que as diferenças são concretas e integrantes da estrutura social portanto, se torna relevante que sejam respeitadas.

A introdução do sentido de não pertencimento por parte dos excluídos dos espaços sociais facilita para que de modo sistêmico, a discriminação e o racismo operem de forma direta ou velada. Estas condutas de rejeição são observadas no âmbito escolar e, por serem práticas naturalizadas a instituição incorre na sua legitimação ofertando respaldo para o surgindo e manutenção do preconceito.

Infelizmente a realidade demonstra que o sistema escolar continua balizado por uma visão eurocêntrica dilacerante engendrada pelo conquistador nos primórdios da colonização. A escola possui o dever de atuar como promotora de direitos e respeito às diferenças, porém emerge como disseminadora dos mais variados tipos de preconceitos; a cor da pele se torna motivo de piadas horrendas, o cabelo considerado fora do padrão “aceitável” recebe críticas negativas. E neste entrecruzamento, o sujeito visto como superior mantém as doutrinas discriminatórias em movimento.

Estratégias de negatização dos africanos estiveram presentes nas teorias engendradas por estudiosos do passado como podemos constatar em Hegel (1986, p.177) que em seus estudos afirmou que a África “no tiene interés histórico propio, sino el de que los hombres viven allí en la barbarie y el salvajismo, sin suministrar ningún ingrediente a la civilización” evidenciando a valorização social e moral da classe dominante em detrimento às referências do povo negro.

A sociedade e a história em uma perspectiva dual se revezam no incessante ato de fazer e transformar, porém, na condição de protagonistas possuem o poder de impor de forma sutil barreiras que inviabilizam uma integração harmoniosa dos seus numerosos díspares nos contextos sociais.

Hall (2011) nos fala de estereótipos naturalizados e reducionistas utilizados como recurso para fixar o diferente e enfatiza que os discursos degradantes sobre o povo negro foram construídos para enfraquecê-los de forma que a hegemonia branca perpetuasse o seu poder.

É fato que “a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca tiveram reconhecimento no Brasil” (Nascimento, 1978 p. 94). O conhecimento é transformador e como tal propicia o surgimento de novas visões sociais, e estas

por sua vez, capazes de aniquilar preconceitos que se encontram enraizados devido a uma estrutura sociocultural elaborada intencionalmente para mascarar a realidade.

Assim, ciente da necessidade de ações que propiciem o rompimento destes paradigmas e consequentemente a sua extirpação social se tem como norteadora a ideia que uma ressignificação histórica através de mecanismos que oportunizem discussões sobre o povo africano e seus descendentes para que surjam transformações efetivas neste “olhar” e “perceber” outro que é o negro/a.

Este estudo antropológico, que se encontra em andamento, parte da problematização da dança africana e afro-brasileira como contribuinte para os estudos e valorização da cultura negra no espaço escolar e combate ao racismo. A pesquisa se estrutura a partir da atuação do grupo de dança Omodua criado por Luciane Bento moradora da cidade de Cachoeira do Sul-RS. O grupo, constituído por mulheres negras realiza apresentações nas escolas municipais e busca por meio deste recorte cultural promover a construção de uma identidade negra positiva e a conscientização do respeito às diferenças.

Quanto aos saberes de matriz africana, Santos (2006) nos fala que estes se encontram retidos às margens do conhecimento, despojados de suas características e, portanto, afastados da educação formal.

O antropólogo Munanga (2005, p.170) reitera que “as diferenças percebidas entre “nós” e os “outros” constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos, de práticas de discriminação e de construção das ideologias delas decorrentes”. O tempo decorrido não foi suficiente para que adviessem alterações significativas no modo de “enxergar” este outro, entendido como uma “coisa” sempre disposta a servir. As teias de um passado de exploração e marginalização se mantiveram firmes o suficiente para envolverem os afros-descendentes.

Santos (2008, p.185) afirma que a racionalidade ocidental foi usada para eliminar e oprimir e sempre justificou o terror racial, a guerra ao diferente, o genocídio e a escravidão daquele que era definido como inferior.

A diversidade se faz presente nos corpos, no intelecto e no sociocultural e a compreensão destas especificidades são relevantes para uma convivência harmoniosa que propicie que cada indivíduo possa através das suas limitações ou características próprias expor e aplicar as suas competências sem ter que sofrer constrangimentos ou imposições arbitrárias. É no respeito às diferenças que reside à igualdade de direitos.

2. METODOLOGIA

Para melhor representar a realidade vivida pelo grupo Omodua no espaço escolar se opta por um estudo etnográfico de natureza qualitativa e caráter descritivo, pois adotar a técnica de observação nas formas participante (DA MATTA, 1984), parcial ou flutuante (PETONNET, 2008) é imprescindível para que se concretize a investigação proposta por este estudo. Os procedimentos de coleta dados envolvem também a análise documental, a realização de entrevistas tanto formais como informais assim como gravações de depoimentos, produção de diário gráfico, anotações de campo e utilização de mídias sociais no contato com as interlocutoras. As referidas técnicas conjugadas a um levantamento bibliográfico condizente proporcionam o alcance do objetivo da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa por se encontrar em estágio inicial e teve como primeira etapa o contato com a formadora do grupo Luciane Bento e a integrante Ana Lúcia Correa Loro.

O envolvimento com as questões negras são fundamentais para que haja apropriação de conhecimentos que conduzam a cultura africana e afro-brasileira atuantes nas escolas à destituição dos constructos sociais que negativam as pessoas negras.

A formação de jovens afrodescendentes e a violência sofrida pelos/as mesmos/as no decorrer dos tempos são resultantes do processo de escravidão. Há um longo caminho a percorrer e os movimentos negros como força e resiliência na luta por direitos são relevantes para o combate dos fatores que ocasionam a fixação das pessoas negras às margens da sociedade.

A dança no âmbito escolar se constitui como ferramenta de quebra de estereótipos institucionalizados que inferiorizam e causam a estagnação. É nesta manifestação cultural que corpos que descendem de um povo que sofreu com a objetificação são perpassados por todos os tipos de preconceitos e visões racistas e renascem com identidade e sentido de pertencimento. A cultura então emerge e a história se refaz.

4. CONCLUSÕES

De forma preliminar infere-se que o exposto aponta a dança no ambiente escolar como contribuinte do processo ensino aprendizagem, se apresentando como recurso pedagógico onde a expressão corpórea se transforma em comunicação e a dançarina em mediadora do conhecimento. Pela arte, a cultura negra se revela possibilitando aos discentes observar este outro e sua história de uma forma diferente desenvolvendo assim a capacidade perceber a pessoa negra como um ser atuante que influenciou a formação e desenvolvimento da sociedade brasileira.

A introdução da dança na escola se ampara na premissa de que uma convivência harmônica das diversidades depende de comportamentos sociais pautados no respeito ao outro. O aperfeiçoamento humano decorre de um contínuo esforço, de um olhar crítico e posicionamentos que preservem o que há de mais importante para um sujeito, a sua dignidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, R. **Trabalho de Campo**. In: Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1984.

HEGEL, G. **Lecciones sobre la filosofia de la historia universal**. Madrid: Alianza, 1986.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.**, Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 11ª edição

MUNANGA, K (org.). **Superando o racismo na escola**. Ministério da Educação, Brasília, 2005.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um Racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

PETONNET, C. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**. Antropolítica, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

SANTOS, A. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., (org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, Inacyra. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte- educação**. São Paulo: Terceira Margem, 2006.